



ADAPTAÇÕES CURRICULARES DE PEQUENO PORTE: AS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS DO PIDID PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS EM SITUAÇÃO DE DEFICIÊNCIA EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE BELÉM- PA.

Lúcia Monteiro Padilha¹
Karolina do Socorro da Silva Pacheco²
Genylton Odilon Rêgo da Rocha³

Categoria: Relato de experiência

Eixo Temático/Área de Conhecimento: Experiências pedagógicas e institucionais com o público-alvo da educação especial.

RESUMO: O presente relato de experiência apresenta os resultados parciais do projeto “Formação de Professores para uma escola inclusiva” realizado na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Professor Paulo Freire. A intenção é de desenvolver uma formação de qualidade aos professores e demais profissionais da educação para trabalhar na perspectiva da inclusão, confirmada em inúmeros documentos, tais como o Parecer 17/2001 sobre a Resolução 2/2001. Nosso objetivo principal era identificar as ações de inclusão que a referida escola já havia implementado para o atendimento de alunos com deficiência visando futuras intervenções. Utilizamos como metodologia de pesquisa de cunho qualitativo, do tipo de estudo de caso, também utilizamos como técnica de coleta de dados a observação na sala regular, como base nos estudos realizados no INCLUDERE sobre as adaptações curriculares de pequeno porte. Mediante as observações, elaboramos planos de aula que atendessem as necessidades de aprendizagem da aluna com deficiência intelectual, em seguida aplicamos as intervenções na turma. Os resultados demonstraram que o ensino de matemática, por meio de dinâmica de grupo favoreceu a interação e a participação de todos, assim como o desenvolvimento do raciocínio lógico e conhecimento de dinheiro do aluno com deficiência intelectual.

Palavras-chave: Adaptações Curriculares de Pequeno Porte. Inclusão do aluno do aluno em situação de deficiência. PIBID (Programa de Iniciação à Docência)

¹ Lúcia Monteiro Padilha. Graduada do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia (UFPA). E-mail: lucymonteiro33@hotmail.com

² Karolina do Socorro da Silva Pacheco. Graduada do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia (UFPA). E-mail: sckarolinapacheco@gmail.com

³ Prof. Dr. Genylton Odilon Rêgo da Rocha (Orientador). E-mail: genylton@gmail.com



UNIFESSPA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ



1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo evidenciar as ações do grupo de estudo INCLUDERE (Formação de Professores na Perspectiva da Inclusão) subsidiada pelo PIBID (Programa Institucional de Bolsa para a Iniciação a Docência), tendo como subprojeto a temática: “Formação de professores para uma escola inclusiva: Ações colaborativas entre o ensino superior e a educação básica em municípios paraenses”.

A escola selecionada para a realização da pesquisa apresentado neste trabalho foi a E.M.E.I.E. F Prof. Paulo Freire (Escola Municipal De Educação Infantil e Ensino Fundamental Prof. Paulo Freire), Distrito de Belém-Pa. A Escola Foi inaugurada em 18 de maio de 1999. Devido as demandas da comunidade a escola foi construída para ser uma instituição de ensino de grande porte. Atualmente a escola conta com apoio de uma unidade pedagógica (U.P) Cordolina Fonteneles em regime de subvenção da SEMEC (Secretária Municipal de educação).

A temática desta pesquisa está centrada nas adaptações curriculares de pequeno porte, que de acordo com Glat (2013) são promovidas pelo professor, como ampliação das possibilidades de incluir o aluno na sala regular, favorecendo sua participação e aprendizagem dos alunos em situação de deficiência, visto que, o professor pode realizar adaptações de conteúdos e metodologias. Desta forma, as observações realizadas na sala de ensino regular da aluna em situação de deficiência intelectual na escola tiveram como base o roteiro de adaptações curriculares de pequeno porte. Sendo assim, o problema de pesquisa levantado: Como vem ocorrendo a inclusão da aluna com deficiência intelectual na escola e quais as estratégias na sala de ensino regular para a inclusão educacional da educanda?

Nesta perspectiva, nosso objetivo central é analisar como ocorre a inclusão da aluna com deficiência intelectual na escola Paulo Freire e descrever as

estratégias na sala de aula de ensino regular para a inclusão educacional da educanda.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

O trabalho apresentado é um relato de experiência decorrente de uma pesquisa qualitativa em educação, segundo Ludke e André (1986) “é o que se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada” (p. 18). Entre as formas que podem adotar uma pesquisa qualitativa, especificamente neste estudo utilizaremos o estudo de caso. Segundo Triviños (2013) é um estudo aprofundado de determinada unidade, baseadas em duas circunstâncias a natureza e a abrangência da unidade, ressaltando que os sujeitos são observados de acordo com o contexto social e não de forma isolada. Deste modo o objeto de pesquisa é analisado de forma profunda.

A fonte utilizada para a coleta de dados foi a observação da dinâmica como um todo da escola e das turmas que apresentam alunos com deficiência intelectual. Cabe ressaltar que esta observação será participante, segundo Mynayo (2012, p.64) é;

Um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com finalidade de realizar uma investigação científica. O observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, na medida do possível, participando da vida social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de colher dados e compreender o contexto de pesquisa.

Os dados da pesquisa foram analisados com base na análise de conteúdo que segundo Franco (2005), “assenta-se nos pressupostos de uma concepção crítica e dinâmica da linguagem” (FRANCO, 2005, p. 14). Segundo Gomes (2012) no meio dos procedimentos metodológicos da análise de conteúdo destaca-se “a categorização, inferência, a descrição e interpretação” (GOMES, p. 68). Segundo o

autor as etapas da análise de conteúdo costumam acontecer nesta ordem; Decomposição do material que será analisado (isto irá depender da unidade de registro e de contexto); identificação e distribuição em categorias; nesta etapa será realizada a descrição do resultado da categorização (demostrando o que foi achado da análise); interpretação dos resultados obtidos com auxílio da fundamentação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No primeiro momento da pesquisa na escola, cada bolsista ficava responsável em acompanhar o aluno em situação de deficiência na sala regular com objetivo de conhecer a prática educativa do professor e identificar como estava ocorrendo a efetivação de ajustes que cabe ao professor desenvolver e implementar par garantir o acesso do aluno com necessidades especiais a toda as estancias do currículo escolar, com base no roteiro de adaptações curriculares de pequeno porte.

O subprojeto na escola contava com a participação de dez bolsista, do curso de pedagogia, como sujeito participante da pesquisa acompanhava a aluna com D.I no quinto ano. Tendo como base, o instrumento de coleta de dados na qual fizemos recorte de algumas partes do roteiro de observação que cabe ao professor realizar, no atendimento as necessidades do aluno em situação de deficiência.

Nesta perspectiva, destacamos alguns pontos importante para a inclusão do aluno na sala de aula como: O professor da sala regular apresenta conhecimento sobre adaptações curriculares de pequeno porte necessária ao aluno em situação de deficiência? Solicita condições de materiais para a participação do aluno em situação de deficiência em sala de aula? O professor implementa adaptações de materiais de uso comum em sala de aula?

Além disso, destacamos pontos referente ao atendimento as necessidades que cabe ao professor realizar na sala regular, com ênfase nas seguintes perguntas norteadora: Posiciona o aluno de forma que possa obter a atenção do professor?

Estimula o desenvolvimento de habilidade de comunicação interpessoal em sala de aula? Encoraja a ocorrência de interações e o estabelecimento de relações com o ambiente físico e de relações sociais estáveis? Apresenta atividades que possibilitam a locomoção do aluno com mais autonomia em sua comunidade? Orienta os alunos para a utilização de dinheiro para o uso diário? Estimula o desenvolvimento de habilidades de autocuidado? Estimula a atenção do aluno para as atividades escolares?

Mediante as observações do aluno na sala regular, elaboramos planos de aula que atendessem as necessidades de aprendizagem da aluna com deficiência intelectual, em seguida aplicamos as intervenções na turma.

ANÁLISE DO PROCESSO DE INCLUSÃO DA ALUNA EM SITUAÇÃO DE DEFICIÊNCIA E DA INTERVENÇÃO NA TURMA

Em relação, a prática educativa da professora sobre adaptações curriculares de porte, observamos que as adaptações não ocorriam de acordo com as prescrições do MEC (Ministério da Educação e Educação), visto que os conteúdos trabalhados com a aluna não eram os mesmos da turma. Para a professora da classe a aluna em situação de deficiência intelectual não tinha condições de acompanhar a sequência das atividades desenvolvido na classe, devido as suas limitações no processo de aprendizagem.

As adaptações se constituem em mudanças caracterizadas em alterações na finalidade de priorizar determinados objetivos, conteúdos e critérios de avaliação como: mudanças da temporalização dos objetivos e critérios de avaliação; eliminação de certos objetivos; conteúdos e critérios de avaliação do nível ou ciclo correspondente. Essas medidas são necessárias para a:

Implementação de **ações objetivas** e **afirmativas** no sentido de **ajustar/adequarem à sociedade, nas várias instâncias da atenção e de ação públicas, de forma que ela se torne acolhedora para todos.** (BRASIL, 2005, p. 9, grifo do autor).

Nesse aspecto, as adaptações de grande porte são importantes para o atendimento do aluno em situação de deficiência para se adequar às exigências do currículo regular, mediante aos ajustes das práticas acadêmicas da turma.

Durante as observações constatamos que a professora não solicitava o uso de materiais pedagógicos para a participação da aluna nas aulas. O material mais utilizado eram de uso comum como o papel chameguinho (A4), lápis de cor, cola. O que caracteriza que as atividades desenvolvidas com a aluna não se diversificavam referente as estratégias e metodologias no processo de inclusão do sujeito no ensino regular.

Fontes et al (2013) ressalta que o processo de aprendizagem do aluno com D.I demanda uso de diferentes formas de linguagem, como explicar os conteúdos de forma visual e auditiva, usos de recursos concretos e “aula passeio”, que pode ser realizado em parques, supermercados. Considera um instrumento importante que por sua vez não proporciona apenas vivências acadêmicas, mas outros conhecimentos e experiências do cotidiano.

As adaptações específicas que cabe ao professor realizar, observamos que a professora não tinha a preocupação de posicionar a aluna de frente para ela. Pois, o sujeito tinha uma autonomia em relação a sua locomoção no espaço físico, ressaltando que a aluna não transcrevia do quadro branco, embora tivesse esse objetivo. Em alguns momentos, não queria realizar a atividade preparada pela professora, inclusive auxiliava a aluna no desenvolvimento de algumas atividades.

As atividades desenvolvidas em classe para aluna ocorriam de forma individual, com predominância de conteúdos procedimentais. Conforme citado por Zabala (1998) os conteúdos procedimentais são determinados por um conjunto de ações ordenadas visando uma finalidade.

Desta forma, para o autor os conteúdos procedimentais incluem práticas como: ler, desenhar, recortar e outros. Sendo que, que esse tipo de prática

educativa não estimulava a comunicação interpessoal da aluna na classe com os outros alunos.

As atividades trabalhadas com a aluna na sala de aula não estimulavam o desenvolvimento em si de vínculos de amizade e interações entre os alunos, mas haviam as conversas paralelas na turma, onde a aluna com D.I interagiu com os colegas.

Pletsch (2010) citando Vigotski enfatiza que o desenvolvimento ocorre por meio da relação e correlação entre as estruturas elementares (reflexo, reações automáticas, associações simples, entre outros) condicionada por determinantes biológicos e dessas estruturas nascem a interação com a cultura. Sendo que, para a promover o desenvolvimento da pessoa com D.I, é necessário relacionar às possibilidades para “compensar” o déficit de aprendizagem, através da interação social.

Segundo Zabala (1998) as atividades são formas de provocar trama de comunicações e que pode se desenvolver em classe, de modo que as relações estabelecidas definem os diferentes papéis dos professores e dos alunos. De acordo com o autor, “as atividades, e as sequências que formam, terão um ou outro efeito educativo em função das características específicas e das relações que possibilitam” (ZABALA, 1998, p.89).

No decorrer da pesquisa, os trabalhos em classe não eram direcionados para atividades do cotidiano, as variabilidades das tarefas em classe estavam limitadas aos conhecimentos das letras alfabéticas, pintura, fazer pontilhados, colagem. Vale ressaltar, que as práticas pedagógicas do professor limitavam as possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento do sujeito no processo de inclusão educacional, está inserido classe na caracteriza está incluído no processo da educação.

Lima destaca que a “Inclusão indica uma relação de pertencimento. Nós, seres humanos, estamos incluídos na sociedade por uma relação de pertencimento,

baseada no princípio da igualdade” (LIMA, 1957, p. 20). Sendo assim, o aluno em situação de deficiência necessita está incluído no currículo escolar e nas práticas pedagógicas do professor no atendimento as suas especificidades de aprendizagem.

No que tange, as atividades escolares o professor tinha uma certa preocupação de realizar as atividades na classe, embora nas tivesse um planejamento adaptado ao conteúdo das disciplinas da turma. Sendo que, as adaptações curriculares surgiram para mudar as características de uma escola homogeneizadora com o objetivo de incluir os alunos em situação de deficiência.

Considerando aspectos importantes como a história do aluno, respeitando a sua forma de aprender e as peculiaridades do indivíduo, compreendendo desta forma as suas diferenças. Por isso, que os professores devem ser conscientes dessas adaptações, entendendo que os alunos apresentam características próprias e que devem ser respeitadas.

Com base nas observações levantada, realizamos as intervenções na turma, tendo como foco o ensino de matemática nos anos iniciais do ensino fundamental I. A perspectiva das intervenções teve como finalidade trabalhar com materiais pedagógicos concretos, visando a atender as especificidades da aluna com D.I

A primeira intervenção teve como tema números e operações com a finalidade de desenvolver a capacidade de cálculo mental de forma lúdica; Resolução de questão problema relacionado a operação da adição; conhecer o jogo do boliche e associar as operações de adição por meio de cédulas de dinheiro; realizar as operações em jogos de grupo; desenvolver o raciocínio lógico através do lúdico.



Fonte: Elaborada pelos bolsistas, 2017

O primeiro momento realizamos uma breve exposição do conteúdo associado adição, para trabalhar algumas questões problema e posteriormente identificar as potencialidades e dificuldades dos alunos na resolução das questões. Após isso, foi apresentado o jogo do boliche, suas regras e como associar as operações da adição, utilizando cédulas de dinheiro.



Fonte: Acervo do bolsista, 2017

O segundo momento foi proposto uma brincadeira com o jogo de boliche com o uso de cédulas de dinheiro. A partida do jogo teve como estratégias a divisão de pequenos grupos, de modo que todos participassem. Também realizamos adaptações para que a aluna participasse com a turma da brincadeira, de forma interativa e participativa, visando o desenvolvimento do raciocínio lógico e conhecimento de dinheiro.



Fonte: Acervo do bolsista, 2017

Durante a atividades verifiquei que alguns alunos tinham habilidade no momento de armar e efetuar as operações, enquanto que outros apresentavam mais dificuldades para fazer o cálculo matemático. Para a aluna com D.I adaptei o conteúdo relacionando noção de quantidade, ou seja, para que identificasse a quantidade de objetos e sua relação com o número representativo.

Durante a brincadeira com o boliche com cédulas de dinheiro, a aluna com D.I participou com os colegas da classe divididos em pequenos grupos, para que eles fizessem a associação do dinheiro por meio do jogo do boliche, tendo como regra a quantidade de garrafas pet derrubadas, no final os grupos teriam que fazer a somatória.

No momento da operacionalização, teve alunos que tiveram o cuidado na organização, no caso da soma das cédulas de forma correta, enquanto que a aluna com D.I chamamos sua atenção para reconhecimento da cédula de dinheiro, de modo que constatamos que aluna conhecia a nota de R\$ 2,00 e R\$ 20,00, com exceção da cédula de R\$ 100,00 e R\$ 50,00.

Para Carvalho (2004) o professor precisa conhecer as necessidades dos aprendizes, mas não de forma específica para esta ou aquela deficiência diferenciando determinados grupos ou alunos como cegos, surdos, com paralisia cerebral, deficiência intelectual, autismo e etc, mas no atendimento de todos. Para, a autora, pesquisas tem demonstrados que a dinâmica na sala de sala de aula tem

ratificado o quanto as atividades em grupo beneficiam o processo educacional e dinamizam relações de cooperação [...] Assim, uma escola inclusiva vai além do “eu”, dos “nós” objetivando o “todos nós” (Idem, 2004, p.34).

Para a autora, na escola inclusiva, o educar e o aprender estabelecem processos dinâmicos, de modo que a aprendizagem não se reduz aos espaços físicos das escolas e nem nos alunos, reduzidos em atores passivos detentores de informações, como meros receptores das informações daquilo que é transmitido e ensinado. Destaca que a escola inclusiva tem várias funções e possibilidades na finalidade de;

- Desenvolver culturas, políticas e práticas inclusivas, marcadas pela responsabilidade e acolhimento que oferece a todos os que participam do processo educacional escola;
- Promover todas as condições que permitem responder as necessidades educacionais especiais para a aprendizagem de todos os alunos de sua comunidade;
- Criar espaços dialógicos entre os professores para que, semanalmente, possam reunir-se como grupos de estudo e de troca de experiência;
- Criar vínculos mais estreitos com as famílias, levando-as a participarem dos processos decisórios em relação à instituição e a seus filhos e filhas;
- Estabelecer parcerias com a comunidade sem intenção de usufruto de benefícios apenas e sim para conquistar a cumplicidade de seus membros, em relação às finalidades e objetivos educativos;
- Acolher todos os alunos, oferecendo-lhes as condições de aprender e participar;
- Operacionalizar os quatro pilares estabelecidos pela UNESCO para aprender a fazer, aprender a viver junto e aprender a ser, tendo em conta que o verbo é aprender;
- Respeitar as diferenças individuais e o multiculturalismo entendendo que a diversidade é uma riqueza e que o aluno é o melhor recurso de que o professor dispõe em qualquer cenário de aprendizagem;
- Buscar todos os recursos humanos, materiais e financeiros para a melhoria da proposta educativa da escola;
- Desenvolver estudos e pesquisas que permitam ressignificar as práticas desenvolvidas em busca de adequá-las ao mundo em que vivemos (CARVALHO, 2004, p. 115).

Esses requisitos não representa um receituário conforme citado pela autora, mas são recomendações que precisam ser analisadas por todos, são formas de todos contribuir e somar com a alegria dos profissionais, dos alunos e seus familiares.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Programa de Bolsas de Incentivo à Docência-PIBIB, do Governo Federal, no âmbito da Universidade Federal do Pará, enquanto incentivo institucional, objetivando fomentar uma formação docente mais qualitativa, para o alcance dos objetivos propostos pelo programa com estágios supervisionados nas escolas públicas do Estado do Pará, contribui no estabelecimento de relações dialógicas entre a Universidade e a Escola Pública para a melhoria da formação docente, promovendo ações de pesquisa que propiciam ao futuro docente tanto o contato com seu ambiente de trabalho quanto às contribuições às escolas no sentido de se apropriar dos resultados das pesquisas desenvolvidas para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem.

Desta forma, o subprojeto na escola possibilitou se apropriar, a partir da concepção de uma formação inclusiva da complexidade do fenômeno educativo, na perspectiva da qualidade do ensino e da aprendizagem da pessoa em situação de deficiência por meio da interação social desses sujeitos, com o compromisso que deve ser assumido e praticado por todos os atores da comunidade escolar.

Ao longo das observações realizadas identificamos que a escola em questão caminha ainda neste processo de inclusão educacional. Neste sentido, a aluna em que observamos não era incluída de forma satisfatória nas atividades, pois, não acompanhava as sequencia de atividades repassadas pela professora, neste sentido, a professora não buscava realizar adaptações curriculares para uma melhor interação e inclusão desta aluna nas atividades propostas dentro da sala de ensino regular.

Ao observarmos a carência da aluna em algumas matérias curriculares, identificamos a dificuldade da aluna nas operações simples de matemática como a adição e subtração, sendo assim utilizamos exemplos do cotidiano da aluna, como o uso do dinheiro, para isto construímos materiais pedagógicos adaptados, como o uso das garrafas pets. É relevante destacar que esta intervenção envolveu todos os alunos da sala de aula, favorecendo a interação e a participação de todos.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Rosita Edler **Educação Inclusiva: Com os Pingos Nos “is”**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

FONTES, R. S. ET AL; GLAT, R. Estratégias pedagógicas para a inclusão de alunos com deficiência intelectual no ensino regular. In: In: GLAT, R. (Org.). **Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar**. 6. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. cap. 5.

FRANCO, M. L. P. **Análise de Conteúdo**. 3. ed. Brasília, 2006.

GOMES, S. F.; Deslandes, R. (Org.). **Pesquisa: teoria, método e criatividade**. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

LIMA, P. A; VIEIRA, T. **Educação Inclusiva e igualdade social**. 1. Ed. São Paulo: Avercamp, 1957.

LUDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MEC. Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica. **Inclusão: trabalhando com as diferenças na sala de aula** – Brasília, 2005

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Desafio da pesquisa social. In: GOMES, S. F.; Deslandes, R. (Org.). **Pesquisa: teoria, método e criatividade**. 31.Ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

PLETSCH, Márcia Denise. **Repensando a inclusão escolar: diretrizes políticas, práticas curriculares e deficiência intelectual**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Nau: Edur, 2010.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa: a pesquisa qualitativa em educação**. 1. Ed. São Pulo: Atlas, 2013.

ZABALA, Antoni. **A prática Educativa: como ensinar**. 1. Alegre: Artmed, 1997. e final do capítulo). Obs.: O destaque é para o título do livro e não para o título do capítulo.

GRIZE, J. B. Psicologia genética e lógica. In: BANKS-LEITE, L. (Org.). **Percursos piagetianos**. São Paulo: Cortez, 1997. p. 63-76. **(Para Artigo de Revista e/ou Periódico)**